

Para Greenspan, Brasil ainda corre perigo

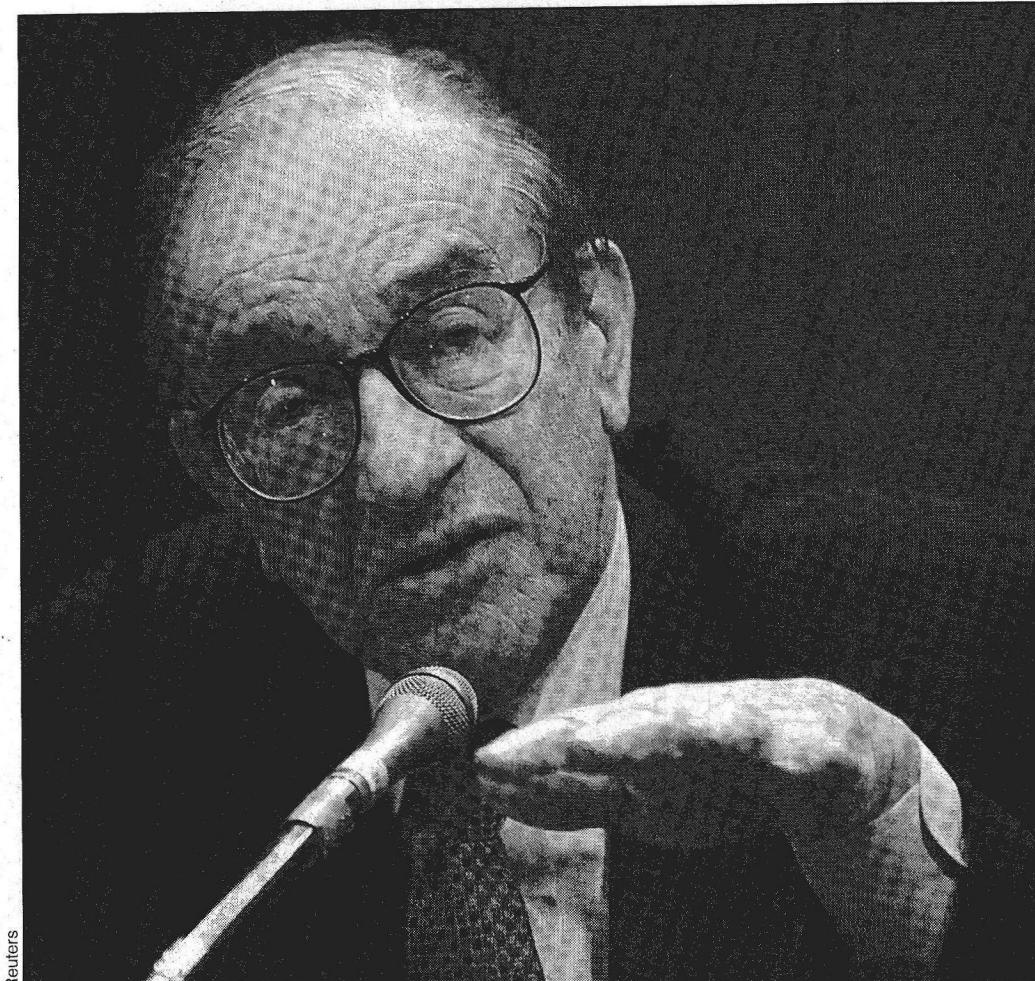
Presidente do Fed reitera elogios ao governo brasileiro, mas diz que estrutura fiscal é problema

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON - O Brasil conseguiu estancar uma implosão (econômica) em perspectiva, após a crise cambial, e a situação atual, quando se olha para o real, é claramente de melhora significativa e estabilização, mas (o País) ainda não saiu da zona de perigo. Essa foi a avaliação feita ontem pelo presidente do Federal Reserve Board (Fed, banco central dos Estados Unidos), Alan Greenspan, numa palestra em Chicago.

Respondendo a perguntas depois de fazer um denso discurso indicando os rumos da economia norte-americana, o chefe do conselho de governadores do banco central dos Estados Unidos disse que, apesar dos progressos, a estrutura fiscal brasileira continua a ser o grande obstáculo para que o País consolide a estabilidade. Apesar dos progressos realizados até agora e do empenho da equipe econômica brasileira em relação ao programa de reformas, "a estrutura fiscal do Brasil continua a ser um problema e, de fato, os formuladores da política econômica brasileira a descrevem como tal", disse Greenspan. "Eles parecem ter acertado na maioria das outras coisas."

Embora seja uma repetição de afirmações feitas anteriormente por funcionários do Tesouro e por executivos de Wall Street, a declaração de Greenspan é importante pelo momento e o contexto em que foi feita. Amanhã, o presidente Fernando Henrique Cardoso parte para breve visita de trabalho a Washington e Nova York com o objetivo principal de remover as dúvidas que a crise cambial de janeiro deixou sobre o grau do compromisso



Reuters

SEM REFORMAS, RECUPERAÇÃO FICA LIMITADA

do líder brasileiro com a execução do programa de reformas estruturais de seu governo. Com exceção de um encontro que deve ter com o presidente Bill Clinton, Fernando Henrique cumprirá uma agenda exclusivamente econômica, que inclui nada menos que quatro discursos dirigidos a platéias de empresários, banqueiros, investidores e analistas financeiros num período de menos de 36 horas, entre segunda e terça-feira.

O alerta de Greenspan foi feito num discurso em que, mesmo classificando o desempenho da economia norte-americana nos últimos anos como "verdadeiramente fenomenal", o presidente do Fed chamou atenção para dois problemas potenciais que ameaçam a economia, em seu nono ano de expansão. Se-

gundo ele, a escassez de mão-de-obra numa economia que opera já há algum tempo a pleno emprego e um mercado de ações que não pára de crescer podem levar a um aumento da inflação e exigir um aperto na política monetária. Greenspan não estendeu a análise de tais desdobramentos à situação brasileira, mas é óbvio que um aumento

dos juros e uma desaceleração do crescimento nos EUA, hoje a única locomotiva que puxa a economia mundial, complicaria o quadro já adverso no qual o Brasil terá de completar o programa de reformas, se quiser garantir e institucionalizar a estabilidade.

A falta de atenção da classe política brasileira ao frágil contexto econômico doméstico e internacional no qual o País opera sua surpreendente reação à crise e a incapacidade política que o Palácio do Planalto tem revelado de sensibilizar o Congresso para os riscos da demora na execução das reformas alimentam

as dúvidas e motivam as repetidas advertências sobre os limites da recuperação econômica do País por figuras-chave como Greenspan. O presidente do Fed creditou o período dourado de crescimento econômico vigoroso, quase sem inflação, que os EUA vivem já há alguns anos, à revelia dos manuais de economia, aos ganhos de produtividade dos trabalhadores norte-americanos - ou seja, ao aumento da produção por hora trabalhada. O aumento da produtividade é o resultado de grandes investimentos que as empresas fizeram em computadores e outros produtos de alta tecnologia.

Ao mesmo tempo, Greenspan disse que os benefícios da integração de novas tecnologias na produção têm limites e os EUA e o resto do mundo não devem es-

perar que o crescimento sem pressão inflacionária se perpetue. "Há desequilíbrios em nossa expansão que, se não forem corrigidos, levarão ao fim esse longo período de crescimento forte e baixa inflação", afirmou.

"Em algum momento, as condições do mercado de trabalho podem tornar-se tão apertadas que o aumento dos salários nominais começará a adiantar-se cada vez mais em relação aos ganhos de produtividade e os preços inevitavelmente começarão a subir."

Sobre o mercado de ações, o presidente do Fed não repetiu a advertência sobre a "exuberância irracional", feita pela primeira vez em 1997, quando os índices da Bolsa de Nova York mostravam números bem menos exuberantes do que exibem hoje. Mas Greenspan deixou claro que não considera sustentável a atual euforia em Wall Street.

Ele indicou que não ficará surpreso diante de uma correção. Embora os dados macroeconômicos não indiquem uma queda no crescimento da produtividade, Greenspan disse que a expansão econômica "levou a um aumento espetacular no valor das ações que, para muitos, já foi muito além do justificável".

Uma outra preocupação do presidente do BC norte-americano é o déficit comercial, que bateu em US\$ 19 bilhões em fevereiro e pode chegar

a um recorde de US\$ 300 bilhões em 1999. Ele lembrou que o apetite dos norte-americanos por produtos importados, especialmente a preços mais baixos em decorrência da desvalorização verificada em vários países durante a crise financeira, ajudou a manter a inflação baixa nos EUA em um período de forte aumento do Produto Interno Bruto (PIB). Mas, afirmou, "existem limites em relação ao tempo e ao tamanho do déficit comercial que (um país) pode sustentar". As declarações de Greenspan provocaram queda nos mercados de bônus e em Wall Street.

**DÉFICIT
COMERCIAL
PREOCUPA
WASHINGTON**